

Universidade Federal de São Carlos - UFSCar
Centro de Educação e Ciências Humanas - CECH
Departamento de Sociologia - DS

**Cidade versus Universidade: Um estudo de caso sobre a dinâmica entre
municípios e a vida universitária na cidade de São Carlos**

Sabrina Queirantes

Monografia apresentada ao
Departamento de Sociologia da
Universidade Federal de São Carlos
como parte dos requisitos necessários
para obtenção do título de Bacharel em
Ciências Sociais. Sob orientação do Prof.
Dr. Fábio José Bechara Sanchez

SÃO CARLOS - SP

2023

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, primeiramente, à minha família, pois sem eles eu não me tornaria a pessoa que sou e não teria as oportunidades que tive. Aos meus pais, Vera e Luiz, e meu irmão Diego que sempre me apoiaram, aconselharam e cuidaram para que eu sempre estivesse bem e feliz e à minha sobrinha Zaya que iluminou meus dias com alegria e amor.

Sou grata aos meus amigos que acompanharam essa trajetória, em especial Camila Ladislau, minha primeira companheira de apartamento e que se tornou uma amizade sem igual com a qual posso contar para tudo, João Clarck, que está comigo desde a escola participando de cada acontecimento em minha vida, Giovana Miorim, que além de ser uma amizade preciosa, foi essencial durante o curso com trocas colaborativas em aulas e trabalhos, e à Companhia de Dança UFSCar que formou uma segunda família para mim e alegrou meus últimos anos de graduação, tanto por me permitirem realizar a atividade que amo quanto por me apresentar pessoas incríveis pelas quais criei tanto carinho.

Agradeço ao meu orientador Prof. Dr. Fábio José Bechara Sanchez que entendeu e respeitou minhas vontades e necessidades ao longo desse processo e me acolheu e me incentivou ao longo da pesquisa, além de ter abraçado de imediato minha ideia e me oferecido suas percepções e mais conteúdos e referências para que eu pudesse lapidá-la. Estendo o agradecimento a todos os professores do Departamento de Sociologia e do Departamento de Ciências Sociais com os quais tive contato por aulas ótimas e discussões que muito contribuíram para meu desenvolvimento, além de todas as experiências de parceria e compaixão que presenciei.

Por fim, agradeço à Universidade Federal de São Carlos e a todos aqueles que a constroem. Sem seu espaço e suas oportunidades eu não teria me conectado com tantas pessoas incríveis e nem passado por tantas experiências únicas.

SUMÁRIO

Resumo:	4
Introdução	5
1 - Situando o contexto: as universidades e o neoconservadorismo no Brasil	8
As universidades no Brasil.....	8
O conservadorismo no Brasil.....	12
Efeitos do conservadorismo-neoliberal nas universidades públicas brasileiras.....	15
2 - As tensões entre universidade e o “pensamento conservador”: o caso de São Carlos	17
A cidade de São Carlos e suas universidades.....	17
Distanciamento entre municípios e universidades: os efeitos práticos das universidades em São Carlos.....	20
Matérias relacionadas a jogos universitários, festas universitárias e TUSCA.....	24
Matérias relacionadas com manifestações, atos ou greves.....	26
Matérias relacionadas com rankings.....	28
Matérias relacionadas com cortes de verbas e políticas públicas.....	31
Outros temas.....	33
Convergência entre os discursos.....	34
Impressões gerais da análise.....	36
3 - Considerações finais	37
Referências bibliográficas	39

Resumo:

Ao longo dos últimos anos as universidades públicas brasileiras vêm recebendo ataques financeiros e ideológicos contrários à sua existência. Assim, a seguinte pesquisa pretende compreender a relação que se dá entre a universidade pública e a população geral, por meio de análises de discursos, opiniões e atividades em mídias sociais, especialmente em um cenário político conservador e neoliberal, além de realizar uma recuperação histórica e teórica do cenário do ensino superior no Brasil. Para tanto, será realizado um estudo de caso do município de São Carlos, uma vez que a cidade conta com duas universidades públicas, a Universidade de São Paulo (USP) e a Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), e é conhecida como um polo de tecnologia e ciência em grande parte devido à presença dessas instituições. A hipótese é que, apesar da imagem de prestígio vinculada às universidades, parece existir um afastamento entre essas e a população da cidade e que esse fenômeno é fortalecido pela ascensão da extrema direita na política brasileira, orientada por um conservadorismo e neoliberalismo que impulsiona políticas públicas de desmonte da educação e no sentido da privatização de setores públicos.

Palavras-chave: Discurso; Universidade; Conservadorismo; São Carlos;

Introdução

Uma tensão envolta das universidades públicas brasileiras se faz presente, de diferentes formas, ao longo de sua história. A que será tratada nesta pesquisa consiste na maneira que as pessoas percebem a universidade pública, em especial em um cenário político neoliberal e conservador.

A história da universidade pública no Brasil é recente, datando do início do século XX. A Universidade Federal do Rio de Janeiro, mais antiga do país, foi fundada em 1920, completando 103 anos e segue um modelo de criação que se repete em outras que trata-se da união de escolas e faculdades pré-existentes organizadas sob uma nova instituição comum a partir de um projeto de lei. Assim também ocorre com a Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), além disso sua criação se dá através de um modelo institucional de fundação, o qual possui um caráter descentralizador, e passa por anos de interesses políticos em disputa até a aprovação da lei que funda a universidade em 1968 e seu funcionamento iniciado em 1970 (Sguissardi, 1993).

No entanto, as dificuldades e desafios enfrentados pelas universidades públicas brasileiras não se restringem aos seus períodos de criação. É percebido que o cenário político e o cenário do ensino superior público se acompanham e se relacionam. Em período mais recente, particularmente a partir do governo Temer (2016-2019), as universidades brasileiras enfrentam novos desafios no contexto em que ganha força uma posição desfavorável às universidades públicas, tanto nas instituições como na opinião pública a partir de grupos sociais e políticos de direita. Esta realidade se amplia durante o governo Bolsonaro (2019-2022), com mais cortes nos orçamentos das universidades, colocando várias instituições em situações de risco e próximas do fechamento. Simultaneamente aos cortes em seu orçamento, fortaleceu-se um discurso anti-intelectual e de ataque às universidades (Sinhoretto, 2022).

É a partir desse panorama que este trabalho busca compreender como esses movimentos do cenário macro são percebidos no contexto local e expressados nas relações do cotidiano do município de São Carlos e na relação entre moradores e comunidade universitária. Desta maneira, busca-se compreender a relação entre a população de São Carlos com as universidades e institutos públicos sediados na cidade — sendo essas a USP (Universidade de São Paulo) e a UFSCar (Universidade Federal de São Carlos) — e verificar a influência entre posição política e a percepção sobre as universidades no município.

Assim, a pesquisa trata de um estudo de caso da cidade de São Carlos, — que é considerada a Cidade da Tecnologia (Prefeitura de São Carlos, 2023), possui um polo de educação superior consideravelmente abrangente que conta com duas grandes universidades públicas, uma federal e a outra estadual, e um instituto federal. Ao mesmo tempo, a cidade possui uma tradição politicamente conservadora e um cotidiano tenso na perspectiva da relação entre o município e as universidades com campus localizados nele. Apesar do prestígio tecnológico que as universidades e centros de pesquisa propiciam a São Carlos (Prefeitura de São Carlos, 2023), são comuns discursos negativos partindo dos moradores da cidade não pertencentes à comunidade universitária que associam os estudantes e as próprias instituições de ensino superior público como sinônimos de bagunça e desorganização.

A hipótese que informou a pesquisa é que ao mesmo que existe um histórico distanciamento entre a população da cidade de São Carlos (não universitária) e as universidades, suas atividades, seus espaços e seus membros, este distanciamento foi reforçado, aguçado e assumiu novas feições a partir do fortalecimento do discurso conservador contrário à atuação das universidades públicas, somado à inclinação neoliberal refletida nos cortes e desmontes que essas têm sofrido nos últimos anos e fortalecido a partir do governo Temer (2016-2019) e ao longo do governo Bolsonaro (2019 - 2022).

Sendo assim, o recorte temporal da pesquisa é de 2015 - com a ascensão da nova direita (Rocha, 2019) e expressiva presença de manifestações com pautas da direita conservadora (Messenberg, 2017), seguido de políticas de cortes orçamentários das universidades públicas iniciadas no governo Temer e reforçadas no governo Bolsonaro - até 2023, com a entrada do terceiro mandato do presidente Luiz Inácio “Lula” da Silva que em seu programa promete políticas de valorização das universidades públicas.

No início, o interesse da pesquisa se direcionava às tensões e conflitos entre a cidade e as universidades públicas. Este interesse surgiu a partir de experiências próprias, nas quais eu percebia o afastamento, mas não uma explicação sociológica para esse. Conforme a exploração bibliográfica foi se aprofundando, a questão do cenário político nacional passou a ser um segundo foco de atenção, no sentido de qual maneira este cenário influenciava o comportamento local.

Assim, a pergunta que orientou a pesquisa foi: “como se dá a relação entre cidade sede e universidade, levando em consideração a influência do cenário político nacional?”. Com essa pergunta em mente, foi iniciado um levantamento histórico e teórico a respeito das

universidades, tanto em âmbito nacional quanto municipal em São Carlos, e da própria cidade de São Carlos, com o objetivo de compreender os alicerces que constituem o cenário atual. Também foram realizadas leituras sobre os movimentos políticos de direita e neoconservadores. Em seguida, com a compreensão de que as redes sociais se tornaram um espaço de expressão política, especialmente da nova direita e a fim de conseguir apreender os discursos locais, fui direcionada a um trabalho de análise de redes sociais, mais especificamente a análise de seções de comentários do Facebook de páginas de notícias são carlenses.

De tal maneira foi possível reconhecer discursos que cruzavam características das relações locais com fatores ligados a posicionamentos políticos nacionais, em quais períodos esse cruzamento se dava com maior ou menor intensidade e quais tipos de argumentos estavam sendo levantados.

O estudo foi organizado em duas etapas principais, que resultaram na organização dos dois capítulos dessa dissertação: a primeira etapa, e que, portanto, foi traduzida no conteúdo do primeiro capítulo, consistiu na organização e retomada dos contextos gerais na qual a pesquisa se insere, sendo esse a história das universidades brasileiras, com foco no período de 1930 até os dias atuais e, em seguida, a trajetória do neoliberalismo e neoconservadorismo como fenômenos políticos atuais que ascenderam e potencializaram sua força nos últimos 30 anos.

Já a segunda etapa, e segundo capítulo, se aprofundam no caso do município de São Carlos, inicialmente trazendo um breve histórico tanto da cidade em si de forma mais geral quanto da instalação das universidades em seu território e seu convívio com os munícipes e o cotidiano da cidade até os dias atuais. Posteriormente, apresentamos a pesquisa em si com o trabalho em redes sociais, demonstrando os dados recolhidos através da análise de comentários em páginas de notícia do Facebook.

Por fim, concluímos demonstrando os resultados obtidos através da análise e realizados reflexões sobre esses em relação aos contextos históricos e aos conteúdos teóricos desenvolvidos ao longo do trabalho.

1 - Situando o contexto: as universidades e o neoconservadorismo no Brasil

As universidades no Brasil

Apesar de controversas, costuma-se considerar a primeira universidade pública federal instalada no Brasil a Universidade do Rio de Janeiro (URJ), inaugurada em 1920. No entanto, a história do ensino superior se inicia já com a chegada da família real portuguesa no Brasil, em 1808, que se mobilizou em instalar tais instituições que eram presentes no modelo de escolas especializadas, como a Escola de Cirurgia da Bahia ou a Escola Anatômica, Cirúrgica e Médica do Rio de Janeiro, ambas criadas em 1808. Antes mesmo dessas, em 1792 era fundada a Escola Politécnica no Rio de Janeiro, que atualmente faz parte da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mais à frente, em 1912, o nome ‘universidade’ aparece com a criação da Universidade do Paraná, uma instituição privada, que seria federalizada em 1950 se tornando a Universidade Federal do Paraná, e com a Universidade de Manaus em 1913, criada anteriormente, em 1909, sob o nome Escola Universitária Livre de Manaus, que no entanto foi desativada em 1926. Assim, a primeira universidade pública brasileira é considerada a Universidade do Rio de Janeiro, de 1920, criada a partir da fusão da Escola de Engenharia, a Faculdade de Medicina e a Faculdade de Direito e que funciona até hoje sob o nome de Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Assim, as primeiras universidades no Brasil são das primeiras décadas do século XX e é a partir da década de 1930 que elas assumem as feições atuais. Durante o governo Vargas, foi determinado o decreto nº 19.851, de 11 de abril de 1931, conhecido como Estatuto das Universidades, e que seria revogado somente em 1991. Tal Estatuto foi um marco na regulamentação das universidades brasileiras que demarcava sua estruturação tanto organizacional quanto de ensino e didática e parte do projeto de reconstrução da noção de nacionalidade brasileira característica do plano governamental de Getúlio Vargas.

A primeira universidade criada nesses moldes foi a Universidade de São Paulo (USP) em 1934, a primeira a se formular no famoso tripé “ensino, pesquisa e extensão” até os dias atuais utilizado. Como Irene Cardoso (1979) destaca, alguns movimentos políticos e educacionais acontecem nesse período que resulta na criação da USP. Após o Decreto de 31, passa a circular o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, de 1932, formulado por educadores com propostas de reformas educacionais de todos os graus e, como sua consequência, surge o Plano Nacional da Educação, esse que permitiu que, em 1934, o interventor federal Armando de Salles Oliveira, a partir do decreto 6.283 de 25 de janeiro de

1934, criasse a Universidade de São Paulo. Esta foi criada sob uma proposta de espaço de formação de uma elite pensadora, científica e cultural, enxergada por Armando de Salles como “cérebro da nacionalidade” (Cardoso,, 1979, p.124) e que, no entanto, carrega intrínseca a si o “mito liberal-democrático de sua criação” (Cardoso, 1979, p.17) uma vez que em seus primeiros anos de funcionamento como universidade atuou com uma forte pauta anti-comunista que culminava em convergências com setores reacionários (Cardoso, 1979).

Anos mais tarde, durante o Regime de Ditadura Militar, de 1964 até 1985, outros papéis para a universidade surgem. Após o golpe era de grande interesse para aqueles no poder a presença de universidades para alimentar o projeto desenvolvimentista que exigia tecnologias e profissionais qualificados, no entanto havia a dificuldade de conciliar o espaço universitário com a nova proposta governamental, ou seja, era necessário um espaço universitário despolitizado e que não demonstrasse resistências (Sguissardi, 1993).

Na primeira década do período ditatorial o número de estudantes universitários aumenta de 100.000 para 800.000 no período de 1962 até 1973 e no setor privado esse número cresce de 40.000 para 500.000 nesse mesmo período (Sguissardi, 1993). Nesse mesmo sentido, a partir do final da década de 1960, é implementado o modelo de fundação para a criação de universidades, assim oferecia independência financeira para com o Estado, mas dependência jurídica e política, assim gerando uma privatização indireta (Sguissardi, 1993). Seguindo tal modelo foram criadas: Fundação da Universidade de Brasília, sob a Lei 3.998 de 15 de Dezembro de 1961; Fundação da Universidade do Amazonas, sob a Lei 4.069 de 12 de Julho de 1962; a Fundação da Universidade do Maranhão, sob a Lei 5.152 em 21 de Outubro de 1966; Fundação da Universidade de Sergipe, sob Decreto-lei 269 de 28 de Fevereiro de 1967; Fundação da Universidade de São Carlos sob Decreto 6.758 de 22 de Maio de 1968.

Na criação dessas fundações era comum o processo de surgimento da proposta legislativa até sua execução definitiva levar anos, são exemplos a Fundação da Universidade do Amazonas, a qual teve sua criação sancionada por lei em 1962, mas só é instituída em março de 1964 junto da aprovação de seu Estatuto, e a Fundação da Universidade de São Carlos que apresenta sua primeira aparição no legislativo em 1960 e é instituída apenas em 1968.

No entanto, apesar do crescimento quantitativo de unidades de ensino superior, com a fundação de novas universidades, ainda eram espaços elitizados e que mantiveram um

modelo de funcionamento, ou seja, os mecanismos escolares, que não acompanhava as alterações sócio-culturais e as necessidades educacionais, mas sim se orientavam pelos interesses das elites sociais (Fernandes, 1975).

Sendo esse crescimento e as mudanças institucionais pensadas num sentido de controle estratégico e político, deixou um legado de contradições que perpetuam até hoje, como o acervo online Memórias da Ditadura ressalta, tanto em forma de sua composição do ensino superior público atender ainda uma maioria de maior renda e muitas vezes provindo do ensino fundamental e médio particular, quanto em sua estrutura interna com algumas universidades ainda com regimentos ou estatutos datados do período da ditadura militar. Ademais, nesse cenário a ideia de universidade é distorcida, não se tratando de um espaço unificado e de multiplicidade e, muito menos, com uma organização estrutural adequada, mas sim um conglomerado formado de junções de escolas superiores independentes que acabavam não por se integrar, mas sim por se preservarem e se fortalecerem, mantendo um caráter elitizado carregado desde as primeiras implementações de escolas superiores no país. (Fernandes, 1975).

Em sentido oposto, outra presença importante das universidades nesse período são os movimentos estudantis de resistência e de luta pela democracia, os quais representaram uma das mais importantes mobilizações sociais da oposição ao regime militar. Presentes política, social, educacional e culturalmente antes mesmo do golpe militar de 1964, os estudantes atuavam principalmente através da e representados pela UNE (União Nacional dos Estudantes). Porém, devido à repressão da ditadura, particularmente após 1968, passaram a se organizar clandestinamente, mas ainda convocando greves, organizando congressos e realizando protestos. Infelizmente em 1973, após perseguições e mortes, diretores sobreviventes da UNE decidem encerrar suas atividades, assim como aconteceu com muitos DCEs (Diretório Central dos Estudantes) e CAs (Centros Acadêmicos) que também foram forçados a fechar. Dessa forma, o movimento estudantil se viu em busca de novos ambientes para se organizar.

A primeira grande manifestação se dá em 1975, que marca um impulso na reorganização do movimento estudantil e no processo de redemocratização, com a morte de Alexandre Vannucchi Leme e a presença de 5 mil pessoas na missa de sua morte e, em seguida, pela morte de Vladimir Herzog no qual sua cerimônia ecumênica contou com 8 mil pessoas presentes. Assim, em 1976 é criado o DCE Livre da USP Alexandre Vannucchi Leme

contando com 12 mil assinaturas de adesão e em outras universidades ocorria o mesmo movimento de reerguimento das organizações estudantis. Com alto nível de organização, as passeatas voltaram a acontecer a partir de 1977 com maior frequência e foi criada a Comissão Pró-UNE. Em 1979 o 31º Congresso da UNE reuniu mais de 10 mil participantes.

Com esse desenho dos contextos universitários durante o período do regime militar percebemos diversas faces que a universidade, como um objeto de pesquisa, pode tomar: pode ser analisada pelo viés da sua estrutura institucional, no qual assume um papel de manutenção de interesse das elites, como afirma Florestan Fernandes, como um espaço de disputas políticas, como Sguissardi demonstra, mas também como expressão daqueles que as compõem e participam de suas atividades, os estudantes. Assim, a universidade não se trata de uma instituição engessada com apenas uma perspectiva a ser apreendida, mas como um elemento composto pelas mais diversas relações sociais.

Retomando a linha do tempo, no processo de redemocratização é convocada a Assembleia Nacional Constituinte incumbida da tarefa de formular o que se tornaria a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Em relação à educação superior é criado o artigo 207, que coloca como critérios de qualidade de um instituto universitário a indissociabilidade do tripé “ensino, pesquisa e extensão” e a autonomia universitária.

No entanto, poucos anos depois, com a ascensão de uma orientação neoliberal nas esferas político e sociais e, conseqüentemente, com a Lei das Diretrizes e Bases da Educação, de 1990, a condição de ensino se expande à novas estruturas e formas jurídicas, como Centros Universitários e Institutos Superiores de Educação, os quais não precisavam atender aos três pilares instituídos anteriormente, assim satisfazendo somente ao valor de ensino (Mazzilli, 2011).

Por fim, nas últimas duas décadas, a universidade pública brasileira passou por momentos de investimento público e, em seguida, de desmonte e privatização. No início dos anos 2000, com as políticas públicas do governo do PT (Partido dos Trabalhadores) focadas na expansão geográfica no sentido de interiorizar as universidades públicas e de tornar o ingresso e permanência na instituição mais acessível, foram criados instrumentos como cotas e bolsas, além de maiores investimentos na área. Inicialmente concentradas nas regiões Sudeste e Sul, as universidades foram se expandindo até 2003, contando com 43 câmpus de universidades federais no Brasil. Mais a frente, em 2010, com a atividade do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), o país

contava com 230 câmpus universitários federais, dessa vez descentralizados das regiões Sul e Sudeste e mais interiorizados.

Se aproximando da metade da década de 2010 o governo PT sob governo de Dilma começa a perder aprovação pública e uma onda neoliberal (Rocha, 2019) começa a ascender e tomar espaço especialmente em grandes mídias, nesse momento as universidades também se tornam um alvo de ataques negativos (Solano, 2018). É, então, no governo Temer que a universidade pública começa a sofrer com retirada de verbas que duram até o fim do governo Bolsonaro. Da mesma forma, acompanhando as políticas públicas, um forte discurso anti-universitário marca presença nas redes sociais digitais, porém, ao mesmo tempo, foi um período marcado por manifestações estudantis contra os cortes e lutando pela valorização do ensino superior público.

O conservadorismo no Brasil

Os estudos do conservadorismo reconhecem que sua ascensão recente — e, simultaneamente, a da direita — é fundamentada em ideais diversos, assimilando princípios neoliberais de liberdade e individualismo e princípios nacionalistas e morais tradicionais (Brown, 2019).

No contexto brasileiro a escalada de Jair Bolsonaro como figura política com apoio da população é uma expressão clara desse momento do conservadorismo, apesar deste movimento político de formar muito antes das eleições de 2018. A “nova direita” se traduz na articulação de uma defesa do liberalismo econômico com a presença de pautas conservadoras como em tópicos da moral, família e segurança, inspirados também nas teorias dos economistas Friedrich Hayek e Ludwig von Mises (Rocha, 2019).

Essa nova posição da direita também atravessa a opinião pública em relação às universidades públicas que também sofrem as investidas dessa nova direita, movida pelo discurso de ódio que surge como estratégia política de mobilização e consolidação de poder, também disseminado nas mídias e, conseqüentemente, influenciando a opinião pública (Solano, 2018).

Para compreender o neoliberalismo que surge nas últimas décadas e influencia o funcionamento social e político das universidades brasileiras é relevante discutirmos o

neoliberalismo em contexto geral e, em seguida, como aparece no cenário brasileiro. Para tratar de forma geral trazemos Wendy Brown (2019) que apresenta como épocas de crises geram reações extremistas. Assim, após a Crise de 2008, se formou um movimento conservador neoliberal, o qual atribuiu a culpa da crise nas minorias e que foi nutrido de um saudosismo de uma suposta época em que seus privilégios pareciam assegurados sem nenhum tipo de risco e uma imagética de família tradicional que sustentava os valores de uma sociedade. Assim, o neoliberalismo que se estabelece nesse contexto é um mosaico entre elementos de uma economia neoliberal e uma tradição cultural, social e política conservadora, apoiados no discurso de proteção de hierarquias tradicionais.

Já transportando para o cenário brasileiro, Camila Rocha (2019) trata da ascensão de uma nova direita. Partindo do processo de disseminação de literaturas liberais através de think tanks que encontram um pico na década de 1990, deixam um legado de método de divulgação do ideário liberal que se fez presente principalmente através de fóruns virtuais que se identificaram como contra-públicos. Os membros desses espaços compartilhavam um sentimento de espaços sociais hegemonzados pelo esquerdismo.

Esses fóruns online aconteciam através de grupos da rede social Orkut e que, posteriormente, especialmente a partir da segunda metade dos anos 2000, foram se estabelecendo em organizações mais solidificadas por meio de institutos e partidos. Melhores organizados e com páginas online de relevância expressiva no movimento, como a Comunidade Revoltados Online e o Movimento Brasil Livre (MBL), em 2011, 2012 e 2013 marcam sua participação em manifestações na rua “*contra a corrupção*” e iniciam uma campanha pró-impeachment de Dilma Rousseff. Assim, se dá uma união de grupos ultra-liberais (Rocha, 2019) que marcam a consolidação da nova direita brasileira.

A nova direita vai ganhando espaços, como na mídia editorial, como com os temas de “politicamente incorreto” e com nomes representativos como Olavo de Carvalho, a partir de 2014. Ao mesmo tempo, a família Bolsonaro, centrada na imagem de Jair Messias Bolsonaro, começa a ganhar visibilidade e se consolida no poder nas eleições de 2018. A nomeação de Paulo Guedes como ministro da economia no governo Bolsonaro concretiza e evidencia a frente ultraliberal-conservadora instalada na direita.

Muito presente nos discursos dessa nova direita emergida são tons de ataque e ódio, evidenciados em gritos de manifestantes chamando por intervenção militar¹, uso de termos como “vagabundos” e “ladrões” ou o contraste com o “cidadão de bem”. A manobra é de vilanizar as minorias e culpabilizá-las por qual seja o problema atual, invocando cada vez mais discursos de ódio, no entanto a essência dessa estratégia é o fato de se tratar de um vilão vago, como Carapanã (2018, in Solano, 2018) coloca, é o discurso de “eles” querem destruir e corromper a moral e tradição, mas esse sujeito pode ser adaptado para qual for o alvo de interesse, podem ser professores, políticos, militantes, artistas ou estudantes. Acompanhando essa vilanização está a centralização da educação de valores transmitida pela família e pela religião, característico do pensamento conservador, que notamos em movimentos como o Escola Sem Partido, altamente apoiado pela direita brasileira, que defende que instituições de ensino devam apenas ensinar aquilo proposto em lei e que educadores não devem expressar o pensamento crítico quanto a valores da sociedade em que vivemos que desalinhem com os ideais dos pais ou responsável do estudante (Penna, 2018 in Solano, 2018).

Outro fator importante que acompanha todo esse movimento é o anti-intelectualismo, que demonstra sua força no conservadorismo-neoliberal brasileiro tanto em movimentos como o já citado Escola Sem Partido, nos discursos de ataque a universidades públicas, quanto em campanhas anti-vacinais ou programas de terapia de conversão, também conhecido como cura gay. A discussão do anti-intelectualismo retoma até Sócrates e seu julgamento e está muito ligada com uma tensão entre intelectuais e a moral dominante, passando ao longo dos anos como um mecanismo de reação. Já transportada para o cenário conservador-neoliberal do Brasil atual esse fenômeno se apresenta como um conforto de justificativa para a manutenção dos costumes tradicionais baseada na crença em uma ilusão de solução que agrade aos ideais e interesses da pessoa ou do grupo (Picoli, Radaelli, Tedesco, 2020).

Em suma, o que podemos ressaltar ao que diz respeito do contexto conservador-neoliberal no Brasil e as instituições de ensino superior é uma convergência entre ideais diferentes que deságuam no mesma mentalidade de se manter uma dominância

¹ Fazendo aparições em protesto desde os anos 2010, em 2014 em lembrança a Marcha da Família com Deus pela Liberdade ocorreram manifestações no Rio de Janeiro, com aproximadamente 200 participantes, e em São Paulo, com aproximadamente 500 participantes, com gritos de pedido pela intervenção militar (Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2014/03/22/marchas-a-favor-e-contra-intervencao-militar-e-unem-centenas-em-sp-e-no-rio.htm>) e seguiram tendo aparições durante os protestos pró-impeachment de Dilma; já a partir de 2018 esses gritos são vistos com mais força nas manifestações pró-bolsonaristas e atingindo seu auge após as eleições de 2022 que elegeram Luis Inácio da Silva, “Lula”, como presidente do país.

sobre a definição do que são essas instituições, de quem deveria administrá-las e usufruí-las e do que elas devem oferecer.

Efeitos do conservadorismo-neoliberal nas universidades públicas brasileiras

A partir de 2014, com o governo Dilma sendo encurralado cada vez mais pela oposição neoliberal, a universidade pública brasileira começa a sentir os primeiros ataques que persistiriam ao longo dos próximos anos. No período de 2014 até 2018 o investimento na educação diminuiu de R\$11,3 bilhões para R\$4,9 bilhões, de forma geral o orçamento do Ministério da Educação reduziu de R\$117,3 bilhões para R\$103,5 bilhões². Com o governo Bolsonaro assumindo o poder em 2019 e com a ocupação do cargo de ministro da educação por Abraham Weintraub, foi divulgado o corte de 30% dos repasses de recursos federais para todas as universidades e institutos federais³, colocado em declarações feitas pelo ministro Weintraub como punição pela “balbúrdia” promovida dentro dos espaços universitários. Tal discurso de balbúrdia se fez presente ao longo dos 4 anos de governo Bolsonaro, demonizando e desmoralizando as universidades públicas, mas, mais alarmante ainda, como discurso político que justificava cortes e ataques.

Os cortes além de, claramente, possuírem como alvos o ensino público e gratuito, também eram direcionados para áreas de conhecimentos específicos. Em uma declaração Bolsonaro apresenta a intenção de diminuição de investimentos em áreas de humanas, como sociologia e filosofia, para que pudessem focar em “áreas que geram retorno imediato ao contribuinte, como veterinária, engenharia e medicina”⁴. É interessante pensar como valores presentes e envoltos nessas declarações sobre como deve ser utilizada a educação exemplificam o que Florestan Fernandes (1975) coloca como aspecto ausente no ensino superior brasileiro que é o caráter de universidade com o objetivo de difusão de conhecimento e apresenta que o que ocorre é o reconhecimento de cursos técnicos

² UOL. **Em 4 anos, Brasil reduz investimento em educação em 56%, cortes continuam.** 02/05/2019.

Disponível em:

<<https://educacao.uol.com.br/noticias/2019/05/02/em-4-anos-brasil-reduz-investimento-em-educacao-em-56.htm>>

³ UOL. **Corte de 30% da verba valerá para todas as universidades federais, diz MEC.** 30/04/2019.

Disponível em:

<<https://educacao.uol.com.br/noticias/2019/04/30/mec-anuncia-corte-de-30-da-verba-para-todas-as-federais.htm>>

⁴ UOL. **MEC estuda reduzir investimento em faculdade de humanas, diz Bolsonaro.** 26/04/2019.

Disponível em:

<<https://educacao.uol.com.br/noticias/2019/04/26/bolsonaro-faculdades-humanas-investimento.htm>>

valorizados pelas classes dominantes. Nesse contexto, o ensino universitário deve ter como objetivo um retorno de serviço prático para a economia para que sejam adequados aos investimentos públicos, enquanto para cursos considerados não-rentáveis, como filosofia ou sociologia, seria opção o ensino privado, como Weintraub demonstra em sua fala “Pode estudar filosofia? Pode, com dinheiro próprio.”. A própria ideia de retorno necessário em forma de serviços convencionais traduz a visão capitalista neoliberal que envolve o cenário.

No segundo semestre de 2022 as notícias eram de perspectivas de fechamento de diversas universidades federais se os cortes continuassem, uma vez que não estavam conseguindo cobrir gastos básicos como contas de energia e água e serviços de manutenção dos campus. Assim, as universidades e outras entidades emitiam seus comunicados: “Após o bloqueio orçamentário de R\$438 milhões ocorrido na metade do ano, essa nova retirada de recursos, no valor de R\$344 milhões, praticamente inviabiliza as finanças de todas as instituições.” dizia a Andifes (Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior) em publicação em seu site em 28 de novembro de 2022⁵.

Essas manchetes causavam reações diferentes no na opinião pública, alguns articulavam a favor da manutenção da universidade pública e gratuita, outros contestavam o modelo de ensino público e abraçavam os dizeres de “bagunça” a fim de defender mudanças tais como privatizações ou cortes de verbas que seriam consideradas excessivas ou desperdícios de recursos públicos. Esse desenho nos encaminha para a discussão principal da pesquisa que veremos nos próximos itens: a correspondência entre as percepções públicas e o cenário político presente no que diz respeito às universidades públicas brasileiras.

⁵ Disponível em: <https://www.andifes.org.br/?p=95039>

2 - As tensões entre universidade e o “pensamento conservador”: o caso de São Carlos

A cidade de São Carlos e suas universidades

“Cidade da Tecnologia”, essa é a perífrase com a qual a prefeitura de São Carlos nomeia e caracteriza o município. Fundada em 1857, sob a batuta de Antônio Carlos de Arruda Botelho, ou o Conde do Pinhal, teve sua primeira construção de marcação de uma área urbana comum em 1856: a capela — atual Catedral de São Carlos Borromeu — e em seus arredores foram se formando relações espaciais e sociais que originaram São Carlos. Em 1865 o território foi elevado à categoria de vila e formou por eleição sua primeira câmara legislativa; e, por fim, em 1880, a vila de São Carlos do Pinhal foi declarada oficialmente ocupando a categoria de cidade (FPMSC, 2006).

Durante esse processo, São Carlos seguiu o padrão de ocupação e de formação dos municípios de muitas outras cidades do interior paulista, ou seja, moldada pela economia cafeeira do século XIX e, portanto, marcado pelo “efeito urbanizador do café”, que dinamiza as relações e gera organização tanto social como espacial orientadas pelo capitalismo (Devescovi, 1987). Essa dinamização é muito percebida com a introdução da via ferroviária na cidade, trazida devido às demandas do mercado cafeeiro e que, por sua vez, provoca o deslocamento do rural para o urbano, resultando na construção de imóveis que inclusive alteram a arquitetura padrão seguida na época, além de estimular a chegada de novos profissionais na cidade e que exercerão suas funções e, com a chegada desses novos habitantes, ocorre o aumento significativo da população (FPMSC, 2006).

Tal dinamização se insere tanto em contexto macro quanto micro, ou seja, como exemplificado acima, ações próprias do espaço e das relações ali sediadas afetam a organização e estruturação urbana, no entanto as ações partidas de esferas maiores também tem efeito, claramente percebido na abolição da escravidão, uma decisão nacional, fez com que novas classes sociais surgissem na cidade, uma sendo os trabalhadores imigrantes recebidos para ocuparem funções de trabalhos rurais e que tiveram sua agência importando ideais — e até mesmo uma estrutura — de uma organização trabalhadora na cidade, e a outra a de trabalhadores livres, ex-escravos, que formaram uma camada definida pela exclusão social.

Impulsionada especialmente a partir de 1930, a industrialização também teve seu papel na urbanização de São Carlos e seguiu o molde paulista desse processo, muito

destacado pela intensificação de contradições urbanas. Assim, em 1940 a indústria já é central nas atividades econômicas da cidade e já demonstrava relevância regional que atraía pessoas advindas de outras localidades. Ao final dos anos 1960 a industrialização de São Carlos se intensifica novamente e novos aspectos dela vão surgindo: as esferas de cultura e de ensino ganham destaque e geram, segundo a imprensa local da época, desde meados de 1970 o surgimento de empresas voltadas para a área de alta tecnologia.

Assim, a cidade que se iniciou com a três principais sesmarias, sendo elas Sesmaria do Pinhal, Sesmaria do Quilombo e Sesmaria do Monjolinho, atualmente possui uma população de 254.822 habitantes segundo o censo do IBGE de 2022 e um território de 1.136,907 km² (IBGE, 2023). Já quanto a sua dinâmica regional, São Carlos ocupa uma posição de Capital Regional C na hierarquia urbana, medidor esse que caracteriza a centralidade regional no quesito de acesso de serviço e de bens que atraem populações de cidades vizinhas e de sua relevância em setores de gestão pública e empresarial (IBGE, 2023). Assim, São Carlos tem uma grande presença na sua região, mas não tão próximo da relevância de uma metrópole.

Se tratando da questão da educação a cidade conta com duas universidades públicas, a Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e a Universidade de São Paulo (USP), um Instituto Federal de São Paulo (IFSP) e um Centro Universitário Central Paulista (UNICEP) que se trata de uma instituição particular. No entanto, nas etapas anteriores ao ensino superior, temos nos marcadores do IBGE o número de matrículas no ensino fundamental 27.923 matrículas e no ensino médio 8.251 matrículas. Contando um total aproximado de 22.934 matriculados na UFSCar e na USP somadas⁶, podemos atestar que essas universidades são compostas majoritariamente por pessoas de outras localidades.

A primeira escola de ensino superior instalada em São Carlos foi a Escola de Engenharia de São Carlos (EESC), em 1948, quando foi aprovado o projeto de lei que criava novas unidades de ensino da Universidade de São Paulo (USP) e em 1953 ocorreu a aula inaugural, dando, assim, início oficial às atividades da universidade. Com seu crescimento foram formadas novas unidades de ensino. Em 1971 inaugura-se o Instituto de Ciências

⁶ A USP São Carlos conta com 4.976 alunos de graduação e 3.709 de pós-graduação segundo os dados de fevereiro de 2023 do site da Prefeitura do Campus USP de São Carlos e a UFSCar, somando os dados disponíveis no Portal SAGUI UFSCar que constam 3.192 alunos cursando graduação e 1.532 na pós-graduação no Centro de Educação e Ciências Humanas, 4.868 alunos cursando graduação e 1.689 na pós-graduação no Centro de Ciências Exatas e de Tecnologia e 2.041 cursando graduação e 927 na pós-graduação no Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, totalizando assim, na graduação e na pós-graduação no campus UFSCar estão cursando, em 2023, 14.249 alunos.

Matemáticas e de Computação (ICMC), posteriormente o Instituto de Física e Química de São Carlos (IFQSC). Mais tarde, em 1994, o IFQSC se divide, resultando na criação do Instituto de Física de São Carlos (IFSC) e do Instituto de Química de São Carlos (IQSC) e finalmente, em 2010, é inaugurado o Instituto de Urbanismo e Arquitetura (IAU).

A Universidade Federal de São Carlos, oficialmente inaugurada em 1968 contou com um processo legal de 8 anos para sua criação, envolvendo disputas políticas de interesses, reações controversas da cidade, rivalidades com a EESC e uma união de diferentes escolas e institutos para sua formação. Assim, em 1960, o deputado federal Lauro Monteiro de Cruz⁷ inicia seu esforço político, apresentando como proposta a criação da Universidade Federal de São Paulo (UFSP) com sede em São Carlos e que surgiria a partir da união da Escola Paulista de Medicina (EPM), Escola de Engenharia de São Carlos, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara, Faculdade de Farmácia e Odontologia de Araçatuba e a Faculdade Municipal de Ciências Econômicas de Santo André. Essa proposta é aprovada como a Lei 3.835 sancionada em dezembro de 1960, no entanto ficaria a cargo do governo que assumiria em 1961 a criação de uma lei complementar que estabelecesse oficialmente a criação da universidade (Sguissardi, 1993)

Nesse primeiro momento de criação legal a cidade de São Carlos não expressou participação no processo. A cidade fica sabendo através de uma reportagem a intenção da instalação de uma nova universidade e a primeira reação parte do Conselho Universitário da USP e da EESC declarando-se contrários a anexação de seu instituto em uma nova instituição. Assim, a própria criação do que se tornaria a UFSCar não partiu de interesse ou reivindicação pública, mas sim de interesses pessoais e políticos de Lauro Monteiro da Cruz e de Ernesto Pereira Lopes⁸.

Em fevereiro de 1961, o então presidente Jânio Quadros emite um comunicado sugerindo a revogação da lei que criava a UFSCar sob justificativa de que não deveria se federalizar os institutos citados na Lei 3.835.

⁷ Lauro Monteiro da Cruz foi vereador de São Paulo de 1948 a 1950 e deputado federal por São Paulo, cumprindo mandatos de 1951 até 1970, inicialmente pelo partido União Democrática Nacional (UDN) e em seguida pelo Aliança Renovadora Nacional (ARENA). Participou da Comissão de Educação e Cultura da Câmara de Deputados durante seus mandatos parlamentares e a presidiu de 1961 até 1966.

⁸ Ernesto Pereira Lopes foi vereador de São Carlos de 1935 a 1937, Prefeito de São Carlos de 1936 a 1937, Deputado Estadual de São Paulo de 1947 a 1951 e, por fim, Deputado Federal nos mandatos de 1951 a 1955, 1959 a 1963 e 1963 a 1967 pelo UDN e de 1967-1970 e 1971-1974 pelo ARENA. Em 1971 foi nomeado por Médici como presidente da Câmara dos Deputados. Também era diretor-presidente de 5 empresas e tinha fazendas por São Carlos.

Em dezembro de 1961 é aceita a proposta de que a universidade a ser criada seguisse os modelos de Fundação e se concretiza com a Lei 3.998. Nos trâmites do projeto dentro do Congresso Nacional ficou programado para abril de 1963 a votação no Plenário da Câmara dos Deputados. No entanto, nessa proposta a Escola Paulista de Medicina continuava sendo incorporada a nova universidade, o que não a agradou e novamente gerou rejeição ao projeto, fazendo com que o diretor da EPM recebesse a liberdade de movimentar os recursos direcionados a Universidade Federal de São Paulo e que essa se instalasse provisoriamente em São Bernardo do Campo, aproveitando o campus da Escola Técnica Industrial de São Bernardo do Campo. Contudo, diferentemente da rejeição da EESC que ganhou o apoio dos jornais, nessa disputa com a EPM os canais de comunicação exibiram manchetes em apoio à instalação da universidade na cidade. Consequente desse conflito é revogada o artigo 12 da Lei 3.385 que permitia a UFSP a incorporação das outras instituições.

Apenas em 1966 é que o projeto é movimentado novamente, a partir da movimentação de setores da população de São Carlos que organizaram uma manifestação pedindo pela instalação da prometida universidade federal e em 1967 que é divulgada a implantação da universidade em São Carlos prevista para 1968. Outro ponto destacado por Sguissard (1993), como já citado anteriormente, é o modelo adotado para criação da UFSCar e de outras universidades federais pelo país na mesma época que foi o modelo de fundação. Enfim, todo esse processo implica a existência constante de outros interesses para além de puramente a educação e o desenvolvimento científico por trás da criação dessas universidades.

Distanciamento entre municípios e universidades: os efeitos práticos das universidades em São Carlos

Florestan Fernandes (1975) apresenta as deficiências do ensino superior brasileiro, desde de seu início com seu esvaziamento e erosão, além de uma limitação estrutural padrão entre as escolas superiores: uma limitação de conhecimentos estritamente técnicos e que fossem valorizados pela classe dominante. Assim, torna o espaço extremamente hierarquizado, resultando no distanciamento social e símbolo de poder dos elementos inseridos nesse cenário. Ademais, gera o afastamento com a sociedade em si.

Tal distanciamento existe em diferentes espaços, contextos e tempos e de diferentes maneiras. No primeiro momento das instituições de ensino superior e até próximo aos anos 2000, que foi quando políticas públicas de inserção de uma camada mais pobre nas universidades públicas começaram a ser desenvolvidas, essa distância era para com a classe baixa e exibia um espaço completamente elitizado. Já após essas políticas públicas as oportunidades se expandem para classes mais baixas e quem sente o distanciamento é a classe dominante, com um certo “rancor” derivado da sensação de que aquilo já não a pertence mais exclusivamente e garantidamente.

No entanto, o distanciamento que observamos em escala de cenário menor é uma mais prática, ou seja, da sociedade não perceber em sua realidade de que maneira a universidade os afeta ou entender que a afeta negativamente e, portanto, desvalorizá-las. De qualquer forma, as universidades causam um efeito na cidade sede em que se alocam, tanto social, econômico, político e espacial. Em São Carlos, desde suas fundações, as universidades atraíram para a cidade uma parcela considerável de população flutuante que passou a residir em uma região que se estende das imediações do campus da USP de um lado e a Vila Nery de outro (Devescovi, 1987), atualmente ocupando principalmente os bairros Cidade Jardim, Vila Marina, Vila Brasília, Vila Costa do Sol, Jardim Macarengo e Jardim Lutfalla (figura 1 e 2).

Parte da cidade se desenvolve e se movimenta orientada pela vida universitária, conjuntos de kitnets são construídas para que estudantes morem, casas maiores são alugadas para se tornarem repúblicas, lanchonetes abrem em lugares estratégicos para receber os universitários, festas que movimentam fornecedores são organizadas e a movimentação de transporte por aplicativos tem um aumento nos períodos de aulas.

A economia da cidade é movimentada pelas universidades. Exemplo é a festa TUSCA, uma festa de jogos universitários tradicional das universidades públicas de São Carlos, injetaria por volta de R\$10 milhões⁹ e lojas multiplicam seus estoques de itens específicos para atender o evento, como galochas e meiões¹⁰. Além das festas e do TUSCA, as universidades têm presença constante na vida prática da cidade: projetos de extensão das

⁹ G1. **Tusca deve injetar 10 milhões na economia de São Carlos.** 11/11/2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/tusca/noticia/2022/11/11/tusca-deve-injetar-r-10-milhoes-na-economia-de-sao-carlos.ghtml>>

¹⁰ A Cidade On. **Tusca movimenta comercial e vendas de galochas disparam em São Carlos.** 15/11/2022. Disponível em: <<https://www.acidadeon.com/saocarlos/economia/tusca-movimenta-comercio-e-vendas-de-galochas-disparam-em-sao-carlos/>>

universidades fazem trabalhos que dialogam com a cidade e entidades universitárias fazem parcerias de descontos com estabelecimentos, como Atléticas com academias.

No entanto, outra parte da cidade passa despercebida pela vida universitária, muitos dos alunos não conhecem diversos bairros “mais afastados” — levando a perspectiva dos estudantes que consideram o ponto de referência a região, como citada acima, entre os campus da UFSCar e da USP 1 — e muitos moradores não têm acesso às possibilidades que as universidades podem oferecer.

Essa separação urbana não é em si algo inédito ou surpreendente e leva em conta diversos fatores como a facilidade — ou falta dela — de mobilidade entre áreas da cidade ou as diferenciações sócio-culturais que definem preferência de ocupação de espaços. No entanto, transpondo para o contexto da cidade de São Carlos são trazidos à tona outros fatores que fazem desse caso mais interessante do ponto de vista sociológico e que, portanto, pretendo explorar ao longo deste estudo. O principal fator que direcionei meu olhar é para os conflitos existentes entre moradores da cidade com a universidade e, principalmente, a vida universitária dos estudantes, tentando compreender quais os motivadores desse desencontro.

Uma demonstração desse desencontro entre a vida universitária e a não-universitária na cidade de São Carlos são as sessões de comentários em matérias e reportagens que se relacionam com as universidades divulgadas nas páginas de facebook de canais de notícias. Frases muito comuns de serem encontradas são entoando palavras ligadas à bagunça, uso de entorpecentes e descrença em estudantes como futuros profissionais qualificados. A seguir trago um levantamento sobre esses elementos.

Para realizar tal levantamento foi utilizado a rede social Facebook, por ser uma rede social na qual o engajamento entre as pessoas é grande nas sessões de comentários, e escolhido 3 canais de reportagens locais da cidade de São Carlos com páginas de publicações na rede que apresentam uma movimentação de comentários em suas publicações, sendo esses: A CidadeOn São Carlos, São Carlos Agora e São Carlos Em Rede.

Para buscar publicações relacionadas e relevantes para o tema da pesquisa foi feito o processo de entrar em cada uma das páginas e, através da ferramenta de pesquisa do próprio Facebook que permite a busca de palavras chaves apenas na página desejada, com as palavras chaves selecionadas, sendo essas: universidade, universitário, estudante, USP e UFSCar; além disso se definiu recolher os comentários dentro do período de tempo entre 2015 até

2023¹¹ a fim de captar as possíveis mudanças de tons nos discursos de acordo com os acontecimentos políticos nacionais.

Para categorizar os dados recolhidos e permitir a observação da natureza dos discursos e com quais temas específicos eles se relacionam, denominei categorias para os assuntos trazidos nas manchetes das matérias, assim dentro da categoria principal das matérias recolhidas sendo relacionadas à “Universidade” separei as subcategorias relacionadas a “Festas/TUSCA/Jogos Universitários”, “Manifestações/Greves/Atos”, “Rankings” e “Cortes de verbas e Políticas públicas”.

Esses dados levam em conta apenas as manchetes para considerar se é relevante ou não para o estudo. O conteúdo em si da matéria não foi observado, uma vez que o objetivo é captar impressões dos usuários de facebook a partir do conteúdo que é posto imediatamente em frente a ele. Desta maneira, relacionamos manchete/título com os comentários.

Publicações com muitos comentários, acima de 50, não foram analisados detalhadamente um por um, mas sim localizados aqueles que começavam a se repetir em conteúdo e tom. Portanto os comentários aqui trazidos não representam uma totalidade homogênea, mas sim um padrão encontrado com frequência que não necessariamente representam a maioria dos comentários.

Além disso, é importante ressaltar que essa análise não intenta validar, rebater ou defender as opiniões que se apresentam nas sessões de comentários, apenas compreender o tipo de discurso utilizado e como ele se comunica com o contexto político e como ele reflete uma relação entre cidade e universidade. Ademais, os comentários que serão reproduzidos aqui serão referenciados apenas pelo ano de publicação a fim de evitar identificação dos usuários que os deixaram.

Isto posto, seguimos com análise do material levantado. Organizamos o material de acordo com as categorias usadas para sistematizar e reconhecer os tipos de comentários. Assim os seguintes tópicos estruturam o texto a seguir: Matérias relacionadas a jogos universitários; Matérias relacionadas com manifestações, atos ou greves; Matérias relacionadas com rankings; Matérias relacionadas com cortes de verbas e políticas públicas;

¹¹ Inicialmente pensei em delimitar entre 2017 a 2023, após conversar com meu orientador concordamos que pegar alguns anos anteriores seria interessante para ver se encontraríamos uma mudança ou uma constância nos comentários. No entanto, uma dificuldade encontrada ao filtrar os anos de 2015, 2016 e 2017 foi a escassez de matérias devido ao tempo já passado. Mesmo assim foram encontrados comentários valiosos que ajudaram na observação dos discursos e, portanto, foram incluídos.

Outros temas. Por fim, realizamos um cruzamento entre os tópicos para compreender suas convergências e terminamos sintetizando as conclusões quanto ao material coletado.

Matérias relacionadas a jogos universitários, festas universitárias e TUSCA

Inicialmente, para compreender o teor desses comentários e analisá-los, é imprescindível conhecer o contexto de festas universitárias na cidade de São Carlos. O município, como já discutido, tem uma forte presença universitária e que atrai pessoas, particularmente jovens, de fora tanto para eventos quanto para residência. Um dos aspectos de atração são os eventos esportivos e festivos universitários.

São Carlos é uma cidade com diversas repúblicas de estudantes, configuração na qual vários indivíduos dividem uma casa para morar, podendo ser femininas, masculinas ou mistas e ter entre 6 até 20 moradores, admitindo novos moradores todos os anos e assim criando uma hierarquia de veteranos e “bixos” — como são chamados os calouros. Essas repúblicas promovem festas para angariar fundos e integração entre os estudantes, mesma estratégia é utilizada pelas Atléticas e Centros Acadêmicos dos cursos, esses que alugam o espaço de repúblicas para realizar o evento. Assim, festas de quinta-feira à tarde, por vezes promovidas pelas entidades dos cursos, por vezes pelas próprias repúblicas, se tornaram uma tradição na cidade. Esse costume também gera conflitos com moradores da cidade não relacionados à universidade que são incomodados pelo barulho e movimentação que essas festas geram.

No entanto, essas festas, conhecidas como “festas de repúblicas” são mais frequentadas por aqueles estudantes já residentes da cidade e com públicos em escalas bem menores que jogos universitários ou a TUSCA. Sobre esses segundos, a TUSCA (Taça Universitária de São Carlos) acontece na cidade há 44 anos e surgiu como jogos universitários inspirados pela rivalidade entre as duas universidades públicas da cidade: UFSCar e USP; (ou mais conhecida na cidade como CAASO, a sigla de seu Centro Acadêmico).

Acompanhado de festas entre os jogos, a TUSCA foi escalando de tamanho, começando com festas nas ruas e nos campus, até ser construída um espaço na cidade próprio para o evento, nomeado de Arena Tusca, o qual recebe o evento todos os anos, durante 4 dias, e comporta mais de 40.000 pessoas. A TUSCA ganhou notoriedade e traz pessoas de outras cidades para a festa e atrações musicais de fama nacional. Com essa estrutura e com a fama

de ser uma cidade de jogos universitários, outros jogos, não ligados necessariamente a UFSCar e ao CAASO, fazem da cidade sua sede por alguns dias do ano.

Esse é um breve contexto para retratar que a rotina de festas universitárias na cidade de São Carlos é bem movimentada e, conseqüentemente, impacta no funcionamento da cidade como um todo. Assim, conseguimos entrar na análise dos comentários deixados em matérias do facebook que trazem esses eventos como assunto.

Os comentários mais comuns de se encontrar, sem muitas mudanças ao longo dos anos analisados, são tons de lamento e reclamações de que associam a TUSCA com elementos de “bagunça, bebedeira, drogas e mortes”, além de tons de crítica de que tal espaço e comportamento não deveria ser de estudantes e concentram o discurso de “esse é o futuro do país” ou “esses são os futuros profissionais”. Mesclados com esses comentários mais gerais há outros que se intercalam com discursos conservadores diversos, exemplificam bem:

“Pior merda esse tusca não é não ter o evento pode ter a mais dentro da USP deixa eles trancado lá dentro os 4 dias sem poder sair assim faz merda lá dentro sexo,drogas, tudo oque tem direito assim não perturba ninguém com essa pouca vergonha essas meninas peladas bêbadas correndo o risco de ser atropeladas” (Comentário no Facebook, 2017)

Nesse comentário o tom de machismo é incorporado com a reclamação de um suposto comportamento que mulheres frequentadoras dessa festa teriam, ao mesmo tempo que condena outros comportamentos ligados a substância ilícitas e atividades sexuais.

Já no próximo comentário que foi deixado numa notícia sobre uma denúncia de estupro ocorrida no TUSCA é muito presente comentários de culpabilização da vítima e com fortes teores homofóbico.

“É tudo mentira ... Deu o cú e combino com o amigo de falar q foi estuprado ..Essa esquerda rede esgoto Pablo vitar, tico Santa cruz Imagina o público dessa desgraça de festa” (Comentário no Facebook, 2017)

Como visto no anterior e no seguinte, a associação da festa universitária com a esquerda brasileira e ao petismo também é colocada e apontando ambas como negativas.

“Enquanto as faculdades dos EUA, europa, Japão, Austrália, etc.. competem pra quem tem os melhores alunos, no Brasil competem pra quem bebe ou usa mais drogas. O detalhe é a militância petista apoiar e incentivar o caos e não o progresso do Brasil...” (Comentário no Facebook, 2023)

Já voltado para as festas em repúblicas, de menor escala se comparado ao TUSCA, são encontradas em maioria notícias sobre o encerramento de alguma festa por intervenção policial e a maioria dos comentários se concentram em parabenizar os policiais. Contudo essas publicações possuem engajamento consideravelmente menor do que as sobre jogos universitários, o primeiro tem entre 10 a 50 comentários e o segundo tendo entre 150 a 300 comentários. Em geral é percebido nos discursos muitos termos e tons de desumanização dos estudantes e também discursos que invalidam qualquer outro comportamento que não seja voltado para a profissionalização e tecnização, especialmente de retorno tradicional para a sociedade.

Matérias relacionadas com manifestações, atos ou greves

Especialmente a partir de 2019, com a entrada de Bolsonaro e Weintraub no governo, as manifestações e atos públicos em defesa da universidade tomam força nacionalmente, inclusive em São Carlos e com espaço maior na mídia. Uma das mais expressivas manifestações foi a de 15 de Maio de 2019, que promoveu a paralisação das universidades e o protesto na rua em todo o Brasil. Na cidade de São Carlos essa manifestação teve, segundo o Sindicato dos Servidores da UFSCar, a aderência de 15 mil pessoas.¹² As matérias nos canais locais do Facebook apresentam grande engajamento, variando entre 100 comentários até próximo de 900, tanto de apoiadores da luta universitária e pela educação quanto daqueles que desaprovavam a movimentação.

Entre esses contra as manifestações, os discursos mais frequentes é o de desacreditar os participantes alegando que estão lá para não estudar ou trabalhar, desacreditar o ato devido a participação e representação de partidos e grupos políticos dos quais são marcados nos comentários como “esquerdistas” ou “comunistas” e a invocação da figura de Bolsonaro e seu governo como oposição aos atos.

¹² EPTV1. **Araraquara, Rio Claro, São Carlos, São João e Araras têm atos contra cortes de verbas na educação.** 15/05/2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2019/05/15/araraquara-e-sao-carlos-tem-atos-contra-bloqueio-s-de-verbos-na-educacao.ghtml>>

Em 2016, em uma matéria sobre uma manifestação contrária ao impeachment de Dilma, em que os universitários não apareciam na manchete e nem eram foco principal dos ataques nos comentários também, apenas um já apresentava o tom que é percebido com maior frequência nos anos seguintes:

“Olha os tipos que estão protestando..... Movimentos sociais, isso é coisa de gente que não quer trabalhar e só viver na teta do governo. Universitários, para né, aí só tem estudante de Ciências Sociais da Ufscar, tudo alienados que acham que vivem na terra dos Smurfs onde o sustento do povo cresce em cogumelos azuis.” (Comentário no Facebook, 2016)

Já trazendo os comentários dos anos seguintes, sobre as manifestações de 2019 contra as políticas de cortes de verba.

“Assistir aula que é bom não vai” (Comentário no Facebook, 2019)

“Bolsonaro 2022 chega de baderna chega de PT chega de manobra política chega de matar aulas. Muda Brasil” (Comentário no Facebook, 2019)

“Quem levar drogas e bebidas alcoolicas , vai ficar rico facil 🤔”
(Comentário no Facebook, 2019)

Diferentes frentes de ataque são identificadas todas partindo da descridibilização do movimento e de seus participantes, sendo por os participantes não cumprirem seu papel social dado — o do estudante é estudar, o do trabalhador é trabalhar —, por associar os participantes como manipulados por organizações políticas de esquerda ou por atribuir características ou atitudes imorais aos participantes, como o uso de drogas.

“Minha Bandeira jamais será vermelha... Bolsonaro 2022 Presidente 🇧🇷🇧🇷”
(Comentário no Facebook, 2019)

“É fácil fazer passeata numa Quinta-feira....fechar universidades e obrigar alunos a ir protestar.....trabalhar e estudar ninguém quer.” (Comentário no Facebook, 2019)

Os discursos de privatização ou de fechamento das instituições também aparece nos comentários:

“Fechem a ufscar e a usp. Quero ver estudar em faculdade particular.. Deveriam estar trabalhando e nao vadiando” (Comentário no Facebook, 2019)

“Tá certinho ! Corta msm!” (Comentário no Facebook, 2019)

“Verba pra fuma maconha e usar drogas , chega de universidade gratuita pra filho de rico chega fim da universidade pública , está tudo errado o pobre estuda na base nas públicas e se quiser fazer um bom curso tem que pagar , já o rico sempre em rede particular e depois passa na universidade pública fácil né , fim das universidades públicas eu defendo .” (Comentário no Facebook, 2022)

Por fim, o comentário que também é muito comum nas publicações com relação a festas também aparecem nas com relação a manifestações e atos públicos.

“Esse povo aí é o que dizem que é o futuro do Brasil?...se for estamos lascados” (Comentário no Facebook, 2022)

E o famoso discurso de balbúrdia e bagunça introduzido por Weintraub também se faz presente.

“Faltam das aulas pra fazer balbúrdias...” (Comentário no Facebook, 2019)

“Poucos lutam pela educação, a maioria luta pra que continue a bagunça. Que tem nas universidades” (Comentário no Facebook, 2019)

“Seria melhor ficarem dentro da universidade estudando é a melhor maneira de protesto! Sem festinhas e bagunça!” (Comentário no Facebook, 2019)

Enfim, a maior estratégia que parece ser mobilizada para ataques às instituições de ensino superior públicas é a descredibilização, especialmente daqueles que a frequentam como não adequados a tal espaço que deveria seguir um comportamento objetivo e prático de profissionalização e estudo, sem outros envolvimento políticos, sociais ou culturais.

Matérias relacionadas com rankings

As universidades públicas de São Carlos, a UFSCar e a USP, tem uma presença significativa em rankings de ensino superior, tanto nacionais quanto internacionais,

consequentemente frequentemente saem matérias divulgando a colocação das instituições. Em geral os comentários das publicações dessas matérias no Facebook são de parabenizações e expressão de orgulho e contentamento, no entanto existe também os comentários com críticas negativas. Sobre esses comentários, alguns dos discursos que eles trazem é que a posição seria melhor caso não houvesse envolvimento de estudantes com partidos de esquerda e também caso não promovessem festas, bagunças e o uso de drogas.

Em uma matéria sobre a UFSCar ocupando 15º lugar em uma ranking da América Latina com maioria dos comentários em tom de apreciação ainda apareciam alguns em tom de crítica negativa.

“O ranking da América Latina não é dos melhores... Pelo dinheiro gasto nestas universidades, deveriam estar nos primeiros colocados do mundo. Mas tá bom, parabéns!” (Comentário no Facebook, 2020)

O argumento de privatização também toma um espaço considerável nestas sessões de comentários

“Deveriam ser fechadas pois custam ao cidadão dezenas de bilhões de reais a cd 10 anos. Governo deveria fz parcerias com a privada fornecendo vouchers somente p/ população pobre. O dinheiro economizado investiria td na educação basica e dariamos fim nessa cambada parasita e na ideologia politica.” (Comentário no Facebook, 2022)

E também comentários que consideram a colocação baixa e culpabilizam o governo do PT.

“Gzuiiiss! Imagina em relação ao mundo?! O PT destruiu a proficiência das Federais do Brasil todo. As estaduais estão dando.banho nas Federais em pesquisas produtivas para a Sociedade.” (Comentário no Facebook, 2022)

Já em matérias cujas manchetes apontavam a USP ocupando posições altas em rankings, os comentários novamente trazem a associação ao uso de drogas e a depreciação dos cursos das áreas humanas.

“Se tirar aquela turminha q queima um baseado e não faz nada só atrapalha,com certeza ficaria em primeiro lugar.”(Comentário no Facebook, 2023)

“Graças as exatas, porque se dependesse das humanas, kkkkkkkkkkk” (Comentário no Facebook, 2023)

“Pena que no mundo a USP tá na posição 200 e pouco. Ser a melhor no Brasil não quer dizer muito. Na realidade o Brasil tá muito atrasado na educação e inovação tecnológica. Nossos impostos tão indo é pra o ralo. A esquerda usou por muito tempo as Universidades como plataforma ideológica e "esqueceram" que elas devem entregar qualidade e frutos pra Sociedade e não um monte de militantes e analfabetos funcionais” (Comentário no Facebook, 2019)

Outra manifestação que vemos é um ataque ao próprio grupo de professores, em uma matéria que mostrava um ranking no qual professores da USP se encontravam entre os melhores cientistas do mundo os comentários demonstraram críticas voltadas para a associação de que docentes são doutrinadores políticos, discurso esse muito presente nas pautas do movimento do Escola Sem Partido.

“Tudo maquina de produção de petistas” (Comentário no Facebook, 2023)

“Pena que a maioria é vermelho” (Comentário no Facebook, 2023)

“Pena que muitos não dão aulas...ficam doutrinando os alunos., e com nosso dinheiro..São petralhas..” (Comentário no Facebook, 2023)

No entanto, outra entonação aparece que é de um certo ressentimento que levanta uma questão de que toda essa excelência científica universitária não apresenta um resultado prático na cidade sede da tal universidade e tal sentimento se converte em ataque.

“Bom se desse retorno a população, mas não não dão, formam pessoas que vão trabalhar na iniciativa privada./Pobre paga impostos para pagar esses profissionais, só ricos entram na faculdade.” (Comentário no Facebook, 2023)

“E a cidade um lixo, abandonada....mas parabéns a eles...” (Comentário no Facebook, 2023)

Em síntese, mais uma vez é perceptível a incorporação de outros elementos considerados imorais pelo conservadorismo como maneira de vilanizar outro grupo que represente uma oposição, nesse caso o grupo universitário de instituições públicas, seja pela crítica aos gastos considerados desnecessários ou pela associação com uso de substância ilícitas. É interessante destacar uma diferenciação nessas manchetes para as outras que é a expectativa de reações positivas quando se trata de uma boa posição em rankings — ao

contrário dos temas de outras matérias que já se é esperado uma reação negativa por serem assuntos divergentes em sentido de pautas ideológicas, seja pensando em festas, que são tidas como imorais, ou manifestações políticas, que já é um expressão clara de oposição.

Matérias relacionadas com cortes de verbas e políticas públicas

Neste tópico duas frentes aparecem com maior frequência nas matérias recolhidas são os cortes de verbas ocorridos em grande escala durante o governo Bolsonaro e políticas ligadas ao movimento Escola Sem Partido, ambas que geraram tanto reações de resistência quanto de apoio, e engajam nas sessões de comentários com argumentações para justificar tais medidas, mas também têm uma reação significativa daqueles criticando em oposição a essas políticas.

Iniciando pelo “escola sem partido”, em 2019 o curso “Bem-vindo ao Marxismo” seria promovido pelo coletivo Juntos, ligado ao PSOL (Partido Socialismo e Liberdade), no espaço da USP. Foi levado ao Ministério Público uma denúncia pelo Escola Sem Partido para ser impedido, os comentários em sua maioria demonstram concordância com a denúncia no qual o discurso de separação entre política e ensino é reforçado.

“Apoiado! Universidades não é lugar de política.!Deveriam estar focados em formar profissionais e não militantes.” (Comentário no Facebook, 2019)

”CERTÍSSIMO !!!!! Escola é para ensinar, mas não como ser um comunista.” (Comentário no Facebook, 2019)

“Ótimo! Se quiser dar palestra ou curso, alugue um auditório longe de qualquer universidade e pague com o dinheiro do partido que está organizando essa merda.” (Comentário no Facebook, 2019)

O pensamento que limita a educação a um método de formação científica e profissionalizante se mostra muito presente nas argumentações em favor do Escola Sem Partido e, principalmente, como maneira de afastar inclinações esquerdistas, ou seja, que discordam dos ideais conservadores e tradicionais.

Por outro lado, as matérias que trazem o anúncio de cortes de verbas para o ensino superior ou a expressão de descontentamento das universidades quanto a esses apresentam nas sessões de comentários os argumentos em favor dos cortes amparado no discurso de

gastos exagerados ou indevidos por parte da gestão universitária e mal-aproveitamento por parte do corpo docente e discente.

“O corte não é na educação, é nas instituições que não usam corretamente as verbas” (Comentário no Facebook, 2019)

“Vejo gente perguntando se a comemoração é porque está tendo corte na educação, não, toda essa comemoração é porque estão revertendo gastos para a educação base! Leiam a reportagem inteira! O que é melhor, uma grande maioria de crianças aprendendo a ler, escrever e ter condições decentes para estudar ou uma minoria de estudantes "universitários" que tem mais tempo pra correr pelado do que acrescentar alguma coisa na econômica?” (Comentário no Facebook, 2019)

“É só acabar com as festinhas da maconha. E a bagunça do Tusca que só serve pra denegrir a sociedade de bem!” (Comentário no Facebook, 2019)

A antagonização dos professores e o ressentimento de investimento sem retorno também marcam presença nos comentários.

“é só os professores "doarem" 1/3 do seu salário que a crise acaba... afinal, tem vários que recebem mais que o governador SP ...” (Comentário no Facebook, 2019)

“O dinheiro dos impostos que nós trabalhadores pagamos tem que ser investido na educação não em bagunça” (Comentário no Facebook, 2019)

O modo como o ensino e sua relação com políticas públicas é visto é, segundo o que se observa nas argumentações presentes nos comentários, sempre, de alguma forma, voltada para um retorno ou correspondência com a universidade, seja economicamente ou através de comportamentos esperados. É entendido que para que as políticas públicas sejam em favor das universidades é preciso que a expectativa da função universitária sob a visão conservadora e neoliberal seja atendida e, portanto, quando isso não ocorre, os cortes e controles são permitidos, apoiados e justificáveis.

Outros temas

Alguns temas não apareceram com frequência suficiente para se configurarem em uma categoria, mas possuem discursos interessantes que serão levantados aqui. A associação entre a camada universitária a partidos de esquerda e a instrumentalização disso em culpabilização por algum acontecimento como algum acidente ou roubo nas instalações da universidade são comuns, como visto em uma manchete sobre a invasão de salas da UFSCar durante um furto:

“Eu avisei pra petesada que não se deve deixar a raposa pra cuidar do galinheiro agora somos todos manés parabéns pra vocês” (Comentário no Facebook, 2023)

“Olha aí, a turminha que a própria UFScar defende por serem todos só mesmo lado, causou prejuízo.. Vamos continuar com o L, melhor alternativa. 😂😂😂😂😂😂” (Comentário no Facebook, 2023)

“Faz o L.... 🤪...os próprios alunos devem ter roubado! Pra sustentar a erva deles... 🌿🌿🌿/Nao querem liberar a maconha???? Faz o L...” (Comentário no Facebook, 2023)

“É disso que eles gostam, viva o socialismo. 🌟” (Comentário no Facebook, 2023)

“Agora ta do jeitos q os aulos queriam tem q deixar sem agora pois votaram no ladrão...” (Comentário no Facebook, 2023)

Já em sentido contrário, uma notícia de investimento na universidade gera comentários de não merecimento deste. Na matéria que contava que a Moradia Estudantil recebeu novas máquinas para lavar roupas os comentários criticavam que os estudantes não precisavam ou não deveriam recebê-las:

“DA SABAO E UM TANQUE ,, ASSIM APRENDEM A FAZER ALGO MAIS QUE A MAIORIA DELES FAZ ,, CERVEJA E DROGAS” (Comentário no Facebook, 2020)

“Agora os maconheiros ficaram feliz” (Comentário no Facebook, 2020)

“Bota essa cambada para lavar suas roupas no tanque, se não pague ou ande sujo” (Comentário no Facebook, 2020)

“Depois se formam e como gratidão combram 600,00 uma/ Consulta”
(Comentário no Facebook, 2020)

A relação com retorno à sociedade e a com uso de substâncias ilícitas se mantém presentes como argumentos de desmerecimento.

Outra observação é a força de “lemas” para as sessões de comentários e expressões na internet em geral, em 2022 principalmente a aparição de “BOLSONARO 2022” e variações é muito presente e em 2023 os dizerem “Agora faz o L” e suas variações. Assim, eles ocupam grande espaço nos comentários demonstrando seu apoio e qual sua posição ideológica, mas sem carregar um conteúdo de argumentação ou crítica a algo específico.

Convergência entre os discursos

O fator que nota-se em todos os comentários que trazem ataques, críticas negativas ou desaprovação de comportamentos é um embasamento em ideais tradicionais conservadores, seja trazendo discursos contra quaisquer fator que considerem imoral ou valorizando cursos tradicionalmente tidos como mais importantes para profissionalização ou até pedindo por privatização do ensino superior público. A crítica em si ao sistema universitário que esses comentários parecem expressar é de que é um espaço permissivo a comportamentos e ideais imorais e que portanto deve, de alguma forma, ser podado. Contudo não parece haver um discurso único e homogêneo e inclusive são encontrados comentários que demonstram um meio-termo, ou seja, que coloca uma valorização no ensino público mas aponta uma problemática, na visão conservadora, que faz com que o potencial total não seja atingido.

Citando alguns exemplos, primeiramente da incorporação de outros aspectos imorais para os ideias conservadores como atrelados ao campo da universidade pública: para expressar que a universidade não era um espaço bom um usuário do facebook comentou “Maconha putaria e LGBTQ é regra se não concorda com tudo isso está fudido”, outro usuário, em uma matéria sobre protestos públicos contra o corte de verbas e contra o governo Bolsonaro, comentou falando sobre os estudantes “A maioria não estuda está na universidade a 10 anos e o curso é 5...mas vê o diretório das Repúblicas e suas festas Droga Bebidas Prostituição... depois dizem que é culpa do sistema!/O Presidente disse é verdade pergunte tabuada para eles Não sabem!”.

Outra característica que podemos destacar é a desumanização do alvo de ataques, sejam os estudantes, professores ou a própria instituição, por meio de palavras em tons ofensivos, de incredulidade e condenação de comportamentos ou que passe alguma negatividade em geral, como visto acima utilizam “esse povo aí” ou “essa turminha” para se referir a um grupo com desprezo, “não querem estudar/trabalhar” para desvalorização, “esse é o futuro” como visão negativa.

A essência que se evidencia nos comentários analisados é a incorporação de elementos de um discurso conservador-neoliberal maior e postos sem muito aprofundamento e sem, necessariamente, uma comprovação real. É uma reprodução de um pensamento difundido que gera identificação com experiências individuais em um, alguns ou todos aspectos, formando um grupo heterogêneo que apoia o mesmo ideal.

Contudo, o que parece ser mais exclusivo da cidade de São Carlos em tais críticas é a rotina de eventos como festas e jogos universitários que, segundo os comentários analisados, atrapalham a vida dos moradores. E, então, somado a tal rancor já existente, os discursos conservadores-neoliberais contrário às universidades se incorporam com facilidade em outras áreas. Ademais, não podemos ignorar outros fatores que influenciam nessa relação: a questão geracional, que nos mais diferentes cenários é comum encontrar o estranhamento entre gerações e nesse caso, considerando que aqueles que criticam fazem parte de um grupo mais adulto e aqueles criticados de um grupo mais jovem, o discurso de “esse é o futuro” se encaixa bem nesse cenário; outro fator é a da própria migração, uma vez que a universidade atrai pessoas de fora da cidade que também gera estranhamento, dessa hipótese não tiveram aparições nas sessões de comentários que a exemplificassem.

Em geral, algumas categorias que poderíamos destacar como os conteúdos-chaves dos comentários são a associação com esquerda ou com comunismo, a desvalorização e/ou desmerecimento por conta de comportamentos considerados imorais, a defesa da privatização e a valorização de um modelo tradicional de ensino superior. Enfim, durante o período analisado, o discurso conservador-neoliberal já estava presente no país, mas é com sua consolidação com a eleição de Bolsonaro em 2019 que ele ganha uma potência maior como justificativa e argumentação e começa a aparecer com frequência, mesmo que já apareçam com menor engajamento nos anos anteriores. Assim, a crítica para com a vida universitária que já era presente ganha um respaldo político que a fortalece junto de uma promessa de mudança e solução.

Impressões gerais da análise

De forma geral, ao longo de 2015 até 2017 é perceptível discursos de teor conservadores e com ataque aos universitários e, especialmente, às festas universitárias com um alvo mais destacado na Festa TUSCA, no entanto as universidades como instituições não recebem ataques ou críticas. Além disso, discursos de posição política e partidária aparecem com raridade, não sendo o embasamento para os comentários. A partir de 2018 se inicia um período de transição, uma vez que algumas matérias recebiam comentários com mesmo teor dos anos anteriores, enquanto outras já transparecem um maior antipetismo, de contraposição à esquerda. É então, a partir de 2019 e até 2022, que as universidades como instituições começam a aparecer nos comentários como espaços de concentração da esquerda e de bagunça e, portanto, se tornam alvos do ataque. Nesse mesmo período a figura de Bolsonaro surge como um representante que embasa o conteúdo defendido pelos comentários. Durante o final de 2022 até 2023, considerando as notícias até de Outubro, uma vez que a análise foi realizada entre Outubro, Novembro e Dezembro, o discurso pró-bolsonaro ainda era invocado mas com menos força do que nos anos anteriores, mas o anti-petismo e rejeição a esquerda ainda era presente, contudo o foco das falas aparecem novamente contra a “bagunça”.

Não podemos deixar de comentar a presença de uma resistência aos comentários de ataque. De 2015 a 2018, quando os comentários ainda focavam em críticas a festas e a comportamentos considerados inadequados para estudantes, não havia muitas respostas por parte do grupo universitário nas sessões dos comentários. Já a partir de 2019 até 2023 a camada universitária e aqueles que apoiavam a causa das universidades públicas começam participar de discussões nos comentários no Facebook, argumentando em favor da universidade e reagindo aos comentários de ataque.

3 - Considerações finais

Fica claro quando retomamos a história das universidades brasileiras que as instituições de ensino são completamente atravessadas pelos interesses dos grupos dominantes e pelos acontecimentos políticos e culturais. Mas também percebemos que elas podem possuir papéis de conciliação ou de resistência. Assim, seria inocente acreditar em uma instituição da área da educação como representante somente de valores de ensino tradicionais, elas são na verdade um espaço de diversas construções sociais, políticas e culturais para além do puro valor educacional. No entanto, a forma como esses atravessamentos se traduzem nas relações sociais nem sempre é tão clara e é exatamente esse ponto que pretendi, através deste trabalho, contribuir na compreensão.

Na análise dos comentários percebemos que a assimilação de uma ideologia não se dá homoganeamente pelos indivíduos, uma vez que é possível observar variações tanto em conteúdo quanto em nível de concordância em discursos que se configuram num mesmo espectro conservador-neoliberal. Essa discrepância também nos leva a pensar em que nível esse discurso está sendo repetido conscientemente como uma manifestação ideológica e racionalizada e não apenas como uma expressão mais superficial de ideais que geram conforto aos indivíduos por proporcionar argumentos para opiniões previamente existentes. Nesse mesmo sentido, também é interessante notar como matérias que são voltadas para ações positivas das universidades para com a cidade, como notícias de arrecadações e projetos sociais, de êxito em pesquisas ou de oportunidades de vagas ou participações em pesquisas ou projetos não ganham reconhecimentos positivos nas sessões de comentários no mesmo grau em que matérias que demonstram ações consideradas negativas, como festas ou protestos, recebem alta quantidade de comentários de ataques ou críticas.

Ademais, levanto a questão de que o acolhimento ao discurso contrário às universidades públicas seja facilitado pelo já estranhamento prévio causado por esses conflitos de convívio citados como os causados pela presença das festas universitárias. Assim, essas desavenças prévias servem como impulso para aderir a discursos de ódio e de ataque à instituição que traz para a cidade as pessoas que protagonizam um dos lados do conflito. Esse pensamento também faz sentido quando relembramos de Wendy Brown (2019) com a noção de que o conservadorismo ganha espaço em momentos de descontentamento e sentimento de perda de controle, rancor e saudosismo, dessa forma a presença de um novo

grupo de pessoas na cidade atraídos pela universidade e que tomam espaço dela para sua convivência e sua rotina geram esses choques.

Outro aspecto importante nessa análise é a atualidade das noções apresentadas por Florestan Fernandes (1975) a respeito do tradicionalismo presente na estrutura das instituições de ensino brasileiras. Sobre isso é válido a reflexão da permanência desse modelo e dessa mentalidade tradicional, conservadora e elitizada mesmo com uma trajetória de mudanças na história da universidade brasileira, ou seja, apesar de ser mais discutida e criticada por grupos que defendem uma universidade universalizante e multidisciplinar e afastada da tecnicidade, essa nunca foi totalmente derrubada ou superada e se mantém renovada como modelo ideal na mentalidade de muitos ainda, especialmente daqueles na classe dominante.

Através do caso da cidade de São Carlos esses aspectos foram observados presentes na mentalidade de parte da população. A conclusão mais objetiva que trago é de que a situação política e os ideais defendidos refletem, sim, nas percepções públicas sobre as universidades, no entanto, não de modo total, pois outras esferas também atravessam tais percepções. Já na retomada histórica, logo no período de criação da Universidade Federal de São Carlos, atritos entre a cidade e a implementação da universidade já ocorriam, contudo no cenário atual destacado percebemos a mudança do modo de conflito e do embasamento para críticas que agora são pautadas por uma agenda política e econômica da direita que ganhou espaço no discurso público. Por meio dos comentários recolhidos, percebemos que em questão de anos o posicionamento de críticas que apareciam nos comentários se alteram para um lado mais político, no sentido de expressar negação ou apoio a um partido ou candidato e aos seus ideais defendidos, substituindo o que antes pareciam reclamações locais a respeito de convívios espaciais na cidade.

Referências bibliográficas

BROWN, W. **Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no ocidente**. São Paulo: Politeia, 2019.

CARDOSO, I. **A universidade da comunhão paulista**. São Paulo. Ed. Cortez. 1979.

CUNHA, A. L. S.; MONTRONE, A. V. G.; COSTA, G. B. A. **(Des)encontros da extensão universitária com a educação popular na Universidade Federal de São Carlos**. Revista Eletrônica de Educação, [S. l.], v. 14, p. e3951126, 2020. DOI: 10.14244/198271993951. Disponível em: <<https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/3951>>.

DEVESCOVI, R. C. B. **Urbanização e Acumulação - um estudo sobre a cidade de São Carlos**. São Carlos: Arquivo de História Contemporânea: UFSCar, 1987

EESC-USP. História, **Desdobramento histórico**. Disponível em: <<https://eesc.usp.br/institucional/historia.php>>. Acesso em 2023.

FERNANDES, F. **Universidade brasileira: reforma ou revolução?** São Paulo: Alfa-Omega, 1975

Fundação FHC. **Educação no Brasil: as principais políticas públicas das últimas três décadas**. Disponível em: <<https://fundacaofhc.org.br/linhasdotempo/educacao/>>. Acesso em 2023.

FPMSC, Fundação Pró-Memória São Carlos - Divisão de Pesquisa e Divulgação. **Os primeiros tempos e a formação da cidade de São Carlos (final do século XVIII e século XIX)**. 2006. Disponível em: <[https://www.promemoria.saocarlos.sp.gov.br/acervo-files/historias-sc/historico-saocarlos-\(XVIII-XIX\).pdf](https://www.promemoria.saocarlos.sp.gov.br/acervo-files/historias-sc/historico-saocarlos-(XVIII-XIX).pdf)>. Acesso em 2023.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Panorama São Carlos, SP**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/sao-carlos/panorama>>. Acesso em: 2023.

MAPA, Memória da Administração Pública Brasileira. **Escola Anatômica, Cirúrgica e Médica do Rio de Janeiro.** 2021. Disponível em: <<http://mapa.an.gov.br/index.php/dicionario-periodo-colonial/172-escola-de-cirurgia-da-bahia>>. Acesso em: 2023.

MAZZILLI, S. **Ensino, pesquisa e extensão: reconfiguração da universidade brasileira em tempos de redemocratização do Estado.** *Revista Brasileira De Política E Administração Da Educação - Periódico científico Editado Pela ANPAE*, 27(2). 2011.

Memórias da Ditadura. Repressão e Resistência. **Estudantes.** Disponível em: <<https://memoriasdaditadura.org.br/estudantes/>>. Acesso em: 2023

Memórias da Ditadura. Educação e Ditadura. **Universidades.** Disponível em: <<https://memoriasdaditadura.org.br/universidades/>>. Acesso em: 2023

Orbis. Programa de Acolhimento de Estrangeiros - UFSCar. **Moradia São Carlos.** Disponível em: <<https://www.orbis.ufscar.br/pt-br/moradia-sao-carlos>>. Acesso em: 2023

PICOLI, Bruno Antonio; RADAELLI, Samuel Mânica; TEDESCO, Anderson Luiz. **ANTI-INTELECTUALISMO, NEOCONSERVADORISMO E REACIONARISMO NO BRASIL CONTEMPORÂNEO: O MOVIMENTO ESCOLA SEM PARTIDO E A PERSEGUIÇÃO AOS PROFESSORES.** *Revista da FAEEDBA: Educação e Contemporaneidade*, Salvador, v. 29, n. 58, p. 48-66, abr. 2020. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-70432020000200048&lng=pt&nrm=iso>. Epub 15-Dez-2020

Politécnica UFRJ. A Politécnica, **Conheça a história da Escola Politécnica.** Disponível em: <<https://www.poli.ufrj.br/a-politecnica/historia/>>. Acesso em: 2023.

Prefeitura do Campus USP São Carlos. **Sobre o Campus.** Disponível em: <<http://www.puspssc.usp.br/sobre-o-campus/>>. Acesso em: 2023.

ROCHA, C. **'Menos Marx, mais Mises': uma gênese da nova direita brasileira (2006-2018).** 2019. Tese (Doutorado em Ciência Política) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

SINHORETTO, J. **O governo contra a ciência: anti-intelectualismo, autoritarismo e universidades públicas.** Áskesis, São Carlos - SP, v. 11, n. Edição especial, p. 38-51, dezembro, 2022.

SOLANO, E. (org), Miguel, Luis Felipe ... [et al.] **O ódio como política: a reinvenção da direita no Brasil.** 1. ed. - São Paulo : Boitempo, 2018.

UFAM, Universidade Federal do Amazonas. **História.** Disponível em: <<https://ufam.edu.br/historia.html>>. Acesso em: 2023.

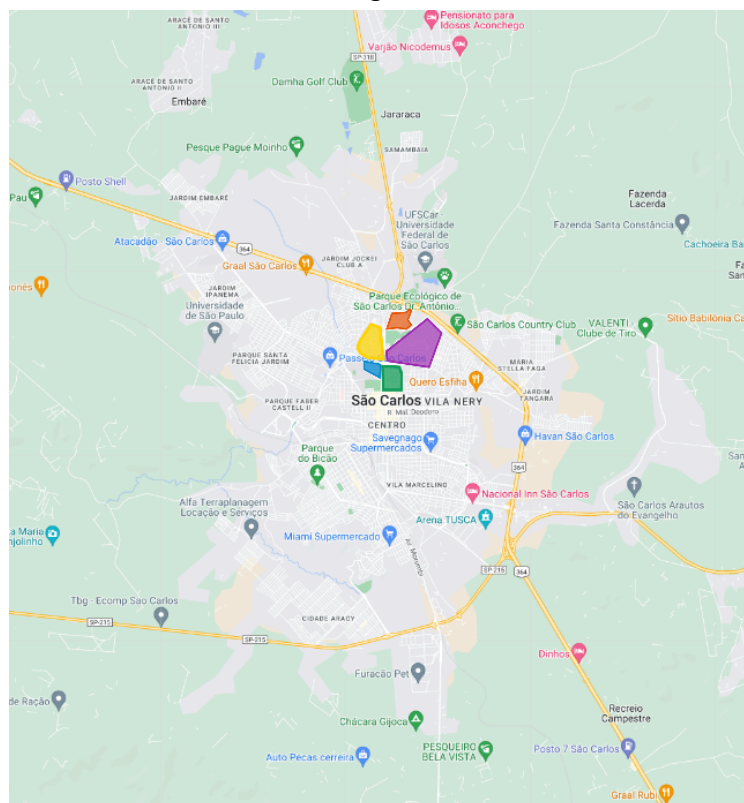
Anexos

Figura 1. Mapa aproximado dos bairros Cidade Jardim, Vila Marina, Vila Brasília, Vila Costa do Sol, Jardim Macarengo e Jardim Lutfalla.



Fonte: imagem gerada pelo Google Earth.

Figura 2. Mapa da cidade com os bairros Cidade Jardim, Vila Marina, Vila Brasília, Vila Costa do Sol, Jardim Macarengo e Jardim Lutfalla destacados.



Fonte: imagem gerada pelo Google MyMaps.